

**Direito das Sucessões TAN 2016/2017**  
**Exame 23/06/2017 (Duração: 90 minutos)**

**António** e **Beatriz** conheceram-se através de um amigo comum. Seis meses depois, **António** e **Beatriz** casaram.

Do casamento de **António** e **Beatriz** viriam a nascer três filhos, **Pedro**, **Maria** e **Julieta**. Em 2014, **António** foi avô duas vezes, já que o seu filho **Pedro** foi pai de uma menina, **Letícia**, e que a sua filha **Maria** foi mãe de um rapaz, **Luís**. Nessa ocasião, **António** entregou em mão ao seu filho **Pedro** um relógio de ouro, dizendo que lho doava. Na mesma altura, **António** doou a **Maria** uma casa no valor de 150.000,00 euros.

Em 2015, **António** celebrou um testamento público com o seguinte teor:

- “1. Deixo a **Julieta**, em lugar da sua legítima, a minha casa em Tavira;
2. Deixo o meu barco de vela ao **Nuno**.
3. No caso de o **Nuno** não poder ficar com o barco de vela, deve este ficar para o seu filho **Álvaro**”.

Em 2016, numa situação de aperto financeiro, **António** vendeu o seu barco de vela. Um ano depois, após um súbito lucro na Bolsa, **António** readquiriu o barco, após o que escreveu um e-mail a **Nuno** para lhe dar conta das boas notícias.

Descreva como procederia à partilha da herança de **António** tendo em conta que:

- 1) **António** deixa bens avaliados em 690.000,00 euros;
- 2) O relógio de ouro vale 60.000,00 euros, a casa em Tavira vale 160.000,00 euros e o barco de vela está avaliado em 40.000,00 euros;
- 3) **Pedro** faleceu três meses antes de **António**;
- 4) **Maria** repudiou a sucessão de **António**;
- 5) **Julieta** aceitou a deixa testamentária que lhe foi feita por **António**;
- 6) **Nuno** não quis ficar com o barco de vela.

**(19 valores, mais 1 valor de ponderação global)**

## Tópicos de correção

### Sucessão legitimária:

- 1) Na data da abertura da sucessão, **António** deixa cinco sucessíveis legitimários: **Beatriz, Maria, Julieta, Letícia e Luís** (artigo 2157.º). Destes, os sucessíveis chamados com prioridade (artigo 2133.º/1/a) e 2134.º, *ex vi* artigo 2157.º) são **Beatriz, Julieta, Letícia** (em representação do seu pai, **Pedro**, pré-morto – artigos 2039.º e 2042.º) e **Luís** (em representação da sua mãe, **Maria**, que repudiou – artigos 2039.º e 2042.º, e 2062.º e seguintes).
- 2) A existência de sucessíveis legitimários significa que se deve calcular a quota indisponível. No caso, a legítima objetiva correspondia a 2/3 da herança de **António** (artigo 2159.º/1). Essa quota será calculada sobre o valor total da herança, nos termos do artigo 2162.º. De acordo com a Escola de Lisboa, o preceito exprime a seguinte fórmula: *Relictum + Donatum – Passivo. In casu*, tal equivalia a 690.000 euros mais 210.000 euros, isto é, 900.000 euros.  
Assim, o valor da legítima objetiva é de 600.000 euros.
- 3) Assim, havendo quatro sucessíveis legitimários, as legítimas subjetivas equivalem a 150.000 euros cada (600.000 / 4).
- 4) **Julieta** aceita um legado em substituição da legítima (artigo 2165.º). Nessa medida, perde o direito à legítima (2165.º/2), sendo o valor da casa em Tavira imputado prioritariamente na quota indisponível (2165.º/4), sendo o excesso (10.000 euros) imputado na quota disponível.

### Doações em vida:

- 1) **António** fez duas doações em vida. A primeira foi feita em benefício do seu filho **Pedro**, tendo por objecto o relógio e ouro, no valor de 60.000 euros. Apesar de **Pedro** ser representado na sucessão por **Letícia** – e de, em abstracto, os representantes deverem colacionar os bens doados aos representados (artigo 2106.º) –, a verdade é que se tratou de uma doação manual, motivo pelo qual não estará sujeita a colação (artigo 2113.º/3), sendo, assim, imputada na quota disponível (2114.º/1).
- 2) A segunda doação foi feita a **Maria**, tendo por objecto uma casa no valor de 150.000 euros. A doação – tendo sido feita a uma herdeira presuntiva (artigos 2104.º e 2105.º) e não tendo sido dispensada de colação (artigo 2113.º/1, *a contrario sensu*) – estaria,

em princípio, sujeita a colação. O facto de **Maria** ter repudiado a sucessão de **António** não implicaria que a doação deixasse de ser imputada na quota indisponível (artigo 2114.º/2); em todo o caso, como **Maria** deixa um representante (**Luís**), este deve sujeitar-se ao funcionamento do instituto da colação (artigo 2106.º e artigo 2114.º/2, *a contrario*).

#### **Sucessão testamentária:**

- 1) Para além do legado em substituição da legítima, já analisado, **António** faz um legado (2030.º/2) a favor de **Nuno**, com a menção de que, se **Nuno** não puder ficar com o barco, este deve ficar para **Álvaro**. Trata-se de uma substituição directa (artigo 2281.º).
- 2) Após ter feito o testamento, **António** aliena o barco. Em princípio, tal consubstancia uma revogação do testamento, nos termos do artigo 2316.º. O facto de **António** vir, mais tarde, a readquirir o barco não significa, em regra, que a revogação deixe de ser eficaz (parte final do artigo 2316.º/1). Contudo, poder-se-ia discutir se, tendo em conta que, ao readquirir o barco, **António** escreveu a **Nuno** “para lhe dar as boas notícias”, tal não poderia ser interpretado como significando que, no momento em que vendeu o barco, **António** não teria tido intenção de revogar o legado (artigo 2316.º/3). Nesse caso, a deíxa testamentária continuaria a ser eficaz.
- 3) **Nuno** repudia o legado. Apesar de **António** só ter previsto o cenário em que **Nuno** não pudesse aceitar, e de um repúdio equivaler antes a “não querer aceitar”, o artigo 2282.º/2 dispõe que, no silêncio do testamento, se deve aplicar a substituição directa. Assim, se acaso se tivesse considerado que não houvera revogação do testamento, **Álvaro** poderia ser chamado, em substituição de **Nuno**, a adquirir o barco. O valor deste (40.000 euros) seria, nesse caso, imputado na quota disponível.

#### **Sucessão legítima:**

- 1) Na quota disponível são inequivocamente imputados os 10.000 euros relativos ao excesso de valor da casa de Tavira e os 60.000 euros do relógio doado a **Pedro**; os 40.000 euros relativos ao barco seriam imputados se se considerasse que o legado não havia sido revogado no momento da alienação do bem. Assim, o valor total das liberalidades seria, no primeiro cenário, de 70.000 euros, e, no segundo cenário, de 110.000 euros.

- 2) Em qualquer dos casos, o valor total da quota disponível (300.000 euros) não seria esgotado com as liberalidades imputadas. Haveria uma quota disponível livre de 230.000 euros ou de 190.000 euros, consoante a solução dada à questão do barco.
- 3) Esse valor corresponderia à sucessão legítima (2132.º). A esta seriam chamados os sucessíveis legítimos prioritários (2133.º e 2134.º). **Beatriz, Leticia e Luís** seriam chamados à sucessão legítima; quanto a **Julieta**, que aceitou um legado em substituição da legítima, a doutrina diverge. Se o aluno adoptar a posição dos Professores Oliveira Ascensão e Jorge Duarte Pinheiro, não chamará **Julieta** à sucessão legítima, por considerar que a aceitação do legado em substituição da legítima implica não só a perda da vocação legitimária como também a da vocação legítima; se adoptar a posição do Professor Pamplona Corte-Real, chamará também **Julieta** à sucessão legítima, por entender que a aceitação do legado em substituição da legítima apenas afasta o aceitante da sucessão legitimária.

Nessa medida, a primeira posição doutrinária dividiria a quota disponível livre por três ( $230.000 / 3 = 76.666$ ; ou  $190.000 / 3 = 63.333$ ); a segunda posição dividiria a quota disponível livre por quatro ( $230.000 / 4 = 57.500$ ; ou  $190.000 / 4 = 47.500$ ).